

CONCEITOS E VISIBILIDADE DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Jéssica Da Silva Porto¹
Irani Aparecida Seidler Prim²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo elucidar as principais características que influenciaram a literatura afro-brasileira. Dada a temática abordada, essa revisão bibliográfica discorre fatos históricos e diferentes opiniões de autores e estudiosos em relação a não visibilidade de obras de autores negros no Brasil. Nota-se que esse tipo de literatura não se encontra visível em cânones literários e tão pouco o reconhecimento da voz negra devido ao período escravocrata, fazendo referência ao racismo presente atualmente. Sabe-se que com o movimento Modernista na primeira metade do século XX, repercutiu uma grande cena cultural brasileira, dentre elas, a literatura afro-brasileira que obteve novos conceitos e lugares de fala.

Palavras-chave: Literatura. Visibilidade. Afro-brasileira.

1. INTRODUÇÃO

Incessantemente ocorre discussões a respeito sobre a classificação de obras canônicas (obras que são consideradas genuínas e oficiais). Onde não há registros de literatura afro-brasileira dentro dessa classificação. O que ocorre são apontamentos da cultura relatados por escritores brancos, os costumes, as linguagens e hábitos durante a colonização e escravidão da época. Desse modo, é aceitável a analogia do preconceito racial enraizado historicamente aos primeiros estudos da literatura.

Faz-se relação com a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500, que junto a colonização trouxe o tráfico de escravos em navios negreiros, usados para mão de obra agrícola, e disseminando-a pelas diferentes regiões do país. Visto a grande representatividade das inúmeras presenças culturais representadas ao longo da história, a literatura seguia somente pelo viés europeu. Onde as demais culturas como os índios e afrodescendentes não obtinham visibilidade por serem consideradas culturas marginalizadas.

Pesquisar referências literárias afro-brasileiras faz-se necessário, afim de persistir no resgate cultural desses povos que notoriamente foram silenciados, mas que caracterizam o Brasil. Felizmente, em 9 de janeiro de 2003, o Presidente da República Luiz Inácio Lula Da Silva sanciona a seguinte

¹ Jéssica Da Silva Porto

² Irani Aparecida Seidler Prim

lei: “Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências”.

É possível mensurar que pesquisas relacionadas a cultura afro-brasileira vem sido recentemente contestadas, devido a movimentos ativistas antirracistas, que buscam a igualdade do negro em todos os lugares. Vale questionar onde se encontram essas obras de autores negros brasileiros, o que caracterizam essas obras, e para quem elas são referidas, o porquê da sua não visibilidade e as dificuldades encontradas pelos autores negros em ocupar seu lugar de voz.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por um longo tempo homens, mulheres e crianças negras eram retirados de suas comunidades e escravizados. Sendo essa a única condição que se dava aos negros, e que atualmente percebe-se gritos e vozes de uma cultura que além de maltratada fora também marginalizada. Durante todo esse processo, houve uma mistura marcada por conflitos e adaptações entre os negros trazidos da África, a população indígena e a colonização europeia.

No que se refere a cultura dos negros africanos, que acabaram por trazer seus diferentes costumes envolvidos na culinária, na linguagem, na religiosidade, além da música e dança. Essa hibridez de povos, formou a identidade brasileira. Na questão literária é possível argumentar um dos maiores autores da literatura afro-brasileira como exemplo que foi Machado De Assis, tendo como suas obras principais: Ressureição, Dom Casmurro, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Espelho e Quincas Borba. Além de romance, o autor escreveu poesias, crônicas, contos, peças de teatro e comédias.

Vale ressaltar que Machado de Assis era neto de escravos e se tornou um dos principais fundadores da Academia de Letras do Brasil, sendo reconhecido internacionalmente. Machado De Assis era negro e vivia nas elites brasileiras. Seu reconhecimento era como de um gênio em seus escritos, porém a sociedade historicamente racista distorceu sua identidade aplicando o branqueamento em sua característica física, participando assim do cânone literário.

Um exemplo recente desse branqueamento, aconteceu em 2011 quando a Caixa Econômica Federal apresentou uma publicidade em comemoração de seus 150 anos, fazendo referência ao autor, onde na cena o intérprete era de cor branca. Tal publicidade repercutiu nas mídias de maneira que o movimento negro se manifestou com ações junto ao movimento governamental por meio da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) lançou uma nota oficial falando sobre a ocorrência:

A CEF tem, em muitos momentos, assegurado em seus anúncios a representação da diversidade étnico-racial e de gênero. A homenagem ao poeta Oliveira Silveira no dia 20 de Novembro de 2009/2010, é um exemplo significativo de reconhecimento da contribuição cultural e literária dos afrodescendentes. No entanto, deve-se lamentar o episódio da campanha que traz Machado de Assis, um dos primeiros poupadores da Caixa, representado por um ator branco. Uma solução publicitária de todo inadequada por contribuir para a invisibilização dos afro-brasileiros, distorcendo evidências pessoais e coletivas relevantes para a compreensão da personalidade literária de Machado de Assis, de sua obra e seu contexto histórico (...). Grifos meus. (SEPPIR, 2012, Disponível em http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2011/09/nota-da-seppirsobre-a-campanha-dos-150-anos-da-caixa-economica-federal. Acesso em 11 de outubro de 2012. APUD NASCIMENTO, 2016, p. 81).

Após o lançamento da nota da SEPPIR a CEF com a pressão da sociedade civil e apoio do governo federal, suspendeu a propaganda em todas as vias de comunicação. A fim de se retratar a população, esclarece em nota oficial:

A Caixa Econômica Federal informa que suspendeu a veiculação de sua última peça publicitária, a qual teve como personagem o escritor Machado de Assis. O banco pede desculpas a toda população e, em especial, aos movimentos ligados às causas raciais, por não ter caracterizado o escritor, que era afro-brasileiro, com a sua origem racial. (...) A Caixa nasceu com a missão de ser o banco de todos, e jamais fez distinção entre pobres, ricos, brancos, negros, índios, homens, mulheres, jovens, idosos, ou qualquer outra diferença social ou racial. (CEF, 2012, Disponível em http://www1.caixa.gov.br/imprensa/imprensa_release.asp?codigo=6611019&tipo_noticia. Acesso em 16 de outubro de 2012. APUD NASCIMENTO, 2016, p. 82).

Esse exemplo de ação publicitária é recorrente a dívida histórica alinhada ao preconceito racial enraizado de toda a sociedade, que assim dizer, apresenta seus resquícios do preconceito e perpetua a segregação de diferentes classes sociais. É visível como o olhar da sociedade segue por um viés Europeu em caracterizar as influências vivenciadas, antes eram até silenciadas, a segregação de povos, em limitar a voz negra considerada marginalizada, e reluzir a voz branca em todos os lugares de espaço.

2.1 A ESCRIVIVÊNCIA COMO VISIBILIDADE AFRO-BRASILEIRA

Onde percorre o saber do povo negro? Seus valores e costumes que foram silenciados ou até mesmo branqueados pela cultura Europeia? A mesma cultura que acha bonito ser diferente, mas não deixa de ser excludente ao marginalizar um povo simplesmente pela cor da sua pele. Eis que as

chicotadas na época da escravidão ecoam na cabeça de quem tem sua voz silenciada, ofuscada em cada situação de segregação ocorrida pelo racismo.

Aqui faço referência sobre a noção de Escrivivência, ao seguir os passos de Conceição Evaristo. Maria Conceição Evaristo Brito é uma grande escritora negra brasileira, nascida em Minas Gerais, a romancista, cronista e poetisa foi professora de Língua Portuguesa e Literatura lecionando em escolas da rede pública e particular, atualmente é pesquisadora na literatura comparada. Conceição Evaristo em seu projeto de Mestrado na PUC (1994) já criara o conceito de Escrivivência que percorre pelos arquétipos de “escrever” a vivência.

Numa entrevista recente em 2020 com o Itaú Social, Conceição Evaristo fala sobre o Seminário Virtual (ocorrido em 2020) com iniciativa do próprio Itaú Social e em parceria com a MINA Comunicação e Arte, onde participou com o Projeto Oficina de Autores- “Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a Obra de Conceição Evaristo” - Memórias e Escrivivências de Conceição Evaristo, livro lançado em 2018-2020. Nota-se o resgate desse termo e a importância em debater o que é Escrivivência e sua visibilidade. Ao ser questionada quanto ao surgimento do conceito Escrivivência, Conceição faz menção:

É uma longa história. Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrivivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande (CONCEIÇÃO, 9 de nov. de 2020).

Ainda no livro lançado em 2018-2020, “Escrivivência: a escrita de nós – Memórias e Escrivivências de Conceição Evaristo, a escritora relata que o primeiro contato com a escrita se deu pela grafia- desenho de sua mãe para consigo e suas irmãs. Sua mãe era lavadeira, e com um simples graveto desenhava a sua subjetividade ao desenhar o sol com infinitas “pernas” numa página lamacenta situada no chão. Este primeiro contato menciona Conceição, sobre a vivência de sua mãe, questionava-se onde ela haveria aprendido aquilo, provavelmente era ancestral, era sua vivência:

Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente, ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofar acumuladas nas tinas e nas bacias.

A chuva contínua retardava o trabalho e o pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida (CONCEIÇÃO, 2020 p. 49).

Nota-se nos grifos da autora, os percalços experienciados durante sua existência, a escrita como movimento de fuga diante de uma realidade silenciada, arquivada, resistente e explorada só agora. Segundo Conceição Evaristo (2020 p.53): “[...] eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra”.

Faço referência nesse mesmo livro diretamente no capítulo *Escrevivência: sentidos em construção*, onde NAZARETH (2020, p. 58) fala sobre uma entrevista concedida por Conceição Evaristo (2018) à jornalista Ivana Dorali, na qual a escritora manifesta os sentidos em reiterar “*escrevivência*”, tornando-se característica ao usar a própria história e de seus ancestrais, além de um gesto criativo representado em suas obras adentrando experiências vividas por negros e negras na sociedade brasileira.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Essa pesquisa de cunho científico, deu-se por base em referências bibliográficas a respeito do resgate da cultura afro-brasileira e sua representatividade na literatura. Nota-se que a visibilidade de autores(as) negros(as) brasileiros(as) na literatura é pouco comentada devido a dívida histórica escravocrata, caracterizando o racismo presente em nossa sociedade. A pesquisa permitiu abordagens de novos conceitos literários, que recentemente vem sido exclamado por estudiosos e críticos literários.

Além da pesquisa bibliográfica, fora desenvolvido um questionário virtual utilizando a ferramenta de apoio do Google Drive: o Google Forms. O link do questionário fora enviado em duas plataformas virtuais: o Whats App e Instagram, disponível para acesso por uma semana. O público entrevistado foi abrangente, totalizando 54 entrevistados, caracterizado por homens e mulheres de diferentes idades e contextos sociais, envolvendo a região do médio vale de Itajaí e litoral de Santa Catarina.

O questionário em forma de entrevista tem como o objetivo fundamentar esta pesquisa baseada no conceito de Conceito de “*Escrevivência*” de Conceição Evaristo, além de injetar questionamentos em relação aos lugares de fala que os negros representam na atualidade. O questionário é do tipo quantitativo, possui 11 perguntas sendo 10 delas objetivas demarcando opções para sim/não. E uma delas descritiva.

A 1ª pergunta faz referência a Machado de Assis ao questionar os entrevistados sobre a cor do autor. A 2ª pergunta é descritiva, questiona os entrevistados sobre obras literárias vindas de afrodescendentes, citando-as opcionalmente. A 3ª pergunta questiona os entrevistados sobre o reconhecimento do preconceito racial em nosso país. A 4ª pergunta questiona os entrevistados sobre o não visibilidade de obras elaboradas por autores negros.

A 5ª pergunta, faz referência aos espaços e visibilidade de autores negros, citando três opções para os entrevistados selecionarem: música, livros ou cinema. A 6ª pergunta questiona os entrevistados, se concordam que a internet como meio de comunicação garante maior visibilidade para as vozes negras. A 7ª pergunta, faz menção ao gênero musical do Funk, onde os entrevistados apontam se tal gênero é considerado uma produção artística ou uma expressão marginalizada.

A 8ª pergunta, faz menção ao gênero musical do Rap, onde os entrevistados apontam se tal gênero é considerado uma produção artística ou uma expressão marginalizada. A 9ª pergunta, questiona os entrevistados se sabem o que é um “Slam”. E a 10ª pergunta, questiona aos entrevistados sobre a necessidade de falar sobre racismo. A 11ª pergunta, faz menção ao conceito de “Escrivência” de Conceição Evaristo, questiona os entrevistados sobre o saber e obras da autora.

TABELA 1: APURAÇÃO DE DADOS SOBRE LUGARES DE FALA REPRESENTADOS POR OBRAS DE AUTORES (AS) AFRO-BRASILEIROS

Entrevista	Sim	Não	Música	Livros	Cinema
Você sabia que Machado de Assis era negro?	39	15	*	*	*
Você já leu obras de autores negros? Se houver interesse, cite o(a) autor(a) (opcional).	49	5	*	*	*
Você reconhece o preconceito racial em nosso país?	53	1	*	*	*
Você reconhece a não visibilidade de escritores negros?	49	5	*	*	*
Quais desses espaços, você reconhece maior representatividade de Autores Negros?	*	*	50	*	4
Você concorda que a internet como meio de comunicação deu oportunidade para as vozes negras?	50	4	*	*	*
Você considera o funk como uma produção artística (Sim) ou uma expressão marginalizada (Não)?	41	13	*	*	*
Você considera o rap como uma produção artística (Sim) ou uma expressão marginalizada (Não)?	46	8	*	*	*
Você sabe o que é um "Slam"?	18	36	*	*	*
Na sua opinião, você acha necessário falar sobre racismo?	52	2	*	*	*
Você sabe o que significa o conceito “escrivência” de Conceição Evaristo?	5	49	*	*	*

FONTE: Jéssica Da Silva Porto

4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Faço aqui a analogia do branqueamento de Machado de Assis na 1ª questão da entrevista que se refere a ocorrência na publicidade da CEF em 2011, visto que, 27% ao responder, informaram não saber a cor de origem do autor. Em seguida, na 2ª questão descritiva, sobre o conhecimento de obras de autores afro-brasileiros, dos 49 entrevistados que responderam e opinaram sobre obras já lidas citaram como referência os (as) autores(as): Machado de Assis, Cruz e Souza, Djalma Ribeiro, Carla Akotirene, Emicida, Ryane, Conceição Evaristo, Carolina de Jesus, Lazaro Ramos e Lima Barreto.

Ao analisar a Tabela 1, é possível dar continuidade a pesquisa, e no que se refere a 3ª questão, 98,1% dos entrevistados reconhecem o preconceito racial presente no Brasil. Conforme a coleta de dados 90,7% dos entrevistados reconhece a não visibilidade de obras elaboradas por autores afrodescendentes.

Ao questionar os lugares de maior representatividade de autores negros, seguida pelas alternativas de obras representadas em música, livros e cinema, a coleta de dados representada pelos entrevistados aponta que 92,6% reconhecem esse espaço representado na música, 7,4% no cinema e 0,0% de reconhecimento em obras literárias.

Ao prosseguir com a entrevista, 92,6% dos entrevistados concordam que a internet como meio de comunicação proporciona maior visibilidade e representatividade como lugar de fala de autores(as) negros(as) brasileiros(as). Ao seguir pelo viés do conceito de “Escrevivência” de Conceição Evaristo, não posso deixar de apontar os lugares de fala representados hoje na música, como expressão de culturas que foram marginalizadas.

Faço referência ao gênero musical Funk, onde 24% dos entrevistados reconhecem esse estilo musical como uma expressão marginalizada. Em relação ao Rap (discurso de rimas e poesias), os dados apresentados apontam que 14,8% dos entrevistados consideram esse gênero musical como cultura marginalizada. Em seguida, na 9ª pergunta faço referência ao “Slam” (palavra de origem inglesa), que permeia por batalhas de rimas e poesias das ruas presente cada vez mais no Brasil, onde 66,7% dos entrevistados não conhecem esse tipo de expressão.

Aos finais da pesquisa, 96,3% dos entrevistados acham necessário falar sobre racismo. Ao questionar sobre o conceito de “Escrevivência” de Conceição Evaristo, apenas 9,3% dos entrevistados possuem conhecimento do termo. Em relação ao conhecer a autora, 20,4% não sabem quem é Conceição Evaristo, 24,1% já ouviram falar e 46,3% não sabem e nem ouviram falar sobre o termo.

4. CONCLUSÃO

Dado o exposto, foi possível verificar a importância da temática abordada em relação ao resgate de conceitos explorados na representatividade de lugares de fala dos negros no Brasil. Aqui me refiro ao resgate da literatura afro-brasileira, onde nota-se um longo caminho a percorrer em relação a visibilidade de obras elaboradas por autores(as) negros(as) devido a dívida histórica enraizada em relação ao racismo presente em nosso país.

Nota-se que estudos da literatura afro-brasileira vem sido recentemente contestados, pois antes eram silenciados. Foi de grande importância a inclusão do currículo oficial da Rede de Ensino no que se refere a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Desse modo a abertura de lugares de fala teve maior visibilidade por parte da cultura negra.

É visto a importância de falar sobre o racismo e problematizar as causas silenciadoras do nosso passado, inclusive com os mais jovens, para que possam compreender a diversidade cultural e minimizar as desigualdades relacionadas principalmente por causa do racismo.

Os dados da pesquisa quantitativa elaborada, aponta que a internet como meio de comunicação proporciona a visibilidade de autores negros (antes marginalizados), seja no cinema, na música ou na literatura. Quanto ao conceito de “Escrevivência” aos passos de Conceição Evaristo, acaba por trazer o resgate de toda uma cultura, que aos poucos, mesmo que em pequenos passos, apresenta seus lugares de fala.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Federal Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L10639.htm>>. Acesso em: 21 de dez. 2020.

CONCEIÇÃO, Evaristo. Conceição Evaristo: depoimento [nov. de 2020]. Entrevistadoras: T. Santana e A. Zapparoli. São Paulo: Itáu Social, 2020. Entrevista concedida ao Projeto Oficina de Autores – Memórias e Escrevivências de Conceição Evaristo, 2018. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>. Acesso em 08 de jan. de 2021.

DUARTE. C.L.; NUNES. I. R. **Escrevivência: a escrita de nós** – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 49-53.

NASCIMENTO, João. O Branco Imposto e o Negro Conquistado: Machado de Assis na Propaganda da CEF. **Revista da ABPN**. Uberlândia v. 8, n. 20, p.74-85. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/319176855_O_BRANCO_IMPOSTO_E_O_NEGRO_CONQUISTADO_MACHADO_DE_ASSIS_NA_PROPAGANDA_DA_CAIXA_ECONOMICA_FE>

DERAL_THE_IMPOSED_WHITE_AND_CONQUERED_BLACK_MACHADO_DE_ASSIS_IN
_THE_CAIXA_ECONOMICA_FEDERAL%27S_PROPAGANDA>. Acesso em: 25 de dez. de
2020.